UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS VI
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

Vanderleia Borges Cotrim

A ESCRITA DE FLORBELA ESPANCA NO SÉCULO XX: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

CAETITÉ - BA
2022

Vanderleia Borges Cotrim

A ESCRITA DE FLORBELA ESPANCA NO SÉCULO XX: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia, como requisito à obtenção de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Professora Rozânia Magalhães.

CAETITÉ – BA
2022

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS VI
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC da graduanda **Vanderleia Borges Cotrim**, intitulado **A ESCRITA DE FLORBELA ESPANCA NO SÉCULO XX: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA**, orientado pela Profa. **Rozânia Alves Magalhães Silva**, apresentado à banca examinadora:

_____

Profa. Rozânia Alves Magalhães Silva – UNEB/Campus VI - Orientadora

_____

Prof. Rogério Soares de Brito – UNEB/Campus VI - Examinador

_____

Profa. Valquíria Dias de Almeida – UNEB/Campus VI - Examinadora

Aprovado em ____/____/____.

Dedico a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir chegar até aqui e concluir esse trabalho tão importante para minha trajetória como estudante, não foi fácil escrevê-lo, mas Deus tem me ajudado, me amparado e não me deixou desistir desse sonho.

Agradeço a minha família, meus pais Manoel e Elenice, minha irmã Valéria, meus sobrinhos Nataniel e Gabriel e meu cunhado Marcelo, eles que são a minha base, minha fortaleza, o motivo de me fazer persistir nessa caminhada tão difícil mas tão necessária em minha vida. Obrigado por todo apoio, incentivo e ajuda para com minha vida estudantil.

Agradeço a minha avó Judite, por ser um exemplo de mulher forte, batalhadora e guerreira que já enfrentou muitas dificuldades ao longo de sua vida, mas continua firme e forte com a graça de Deus e por esse motivo de inspiração em minha vida, por sempre orar por mim e torcer para que eu consiga alcançar os meus objetivos, e principalmente por ser essa pessoa tão doce, amável, bondosa, cuidadosa e generosa.

Agradeço em especial às minhas tias Maria, Lurdes e Isaura que me ajudaram bastante durante todos esses anos e principalmente ao meu avô Elias que partiu recentemente para outra vida, me deixando um vazio que nunca será preenchido. Meu coração chora de saudades e tristeza em saber que nunca mais irei vê-lo, mas sei que foi para um lugar melhor e por ele tenho que continuar.

Agradeço ao meu namorado Leonardo por ter me ajudado tanto durante esses anos, por aguentar minhas lamentações, angústias e inquietudes e por ser esse parceiro comprometido e tão importante em minha vida. Obrigado pela cumplicidade, amor, respeito e colaboração em todo esse tempo.

Agradeço às amizades que a universidade me deu, em especial as minhas amigas Josenir Pinheiro e Eva Batista, vocês são muito especiais em minha vida, obrigada por sempre estarem comigo, e serem um suporte dentro e fora do Campus. Nossa amizade vai muito além, podem contar comigo sempre.

Agradeço a toda equipe Uneb: colegas, professores, coordenadores, diretores, funcionários e todas as pessoas com as quais convivi dentro do Campus VI no decorrer desses anos. Vocês fizeram parte de um período muito importante em

minha vida e sempre serão lembrados com muito carinho e afeto. Agradeço a todos pela troca de conhecimentos, experiências e pelas amizades construídas.

Agradeço imensamente a minha querida orientadora Rozânia Magalhães pelos ensinamentos e por ter acreditado no meu potencial. Obrigada por ser tão humana, afetuosa e compreensiva, és uma pessoa e profissional admirável e serei grata sempre por todo apoio e orientação à mim dirigidas para a concretização desse trabalho.

Por fim, agradeço a todos que estiveram comigo nessa trajetória. Estar concluindo essa etapa da minha vida é gratificante e me sinto muito feliz em conseguir mostrar a importância de uma autora que quebrou barreiras para entrar numa literatura feita somente para os homens. Sem mais delongas, sou grata a todos que de alguma forma participaram da realização desse trabalho.

“Há apenas uma maneira de evitar críticas: não falar, não fazer e não ser nada”. (Aristóteles)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra poética de Florbela Espanca, visando discutir a temática da representação da figura feminina no âmbito literário em uma época em que a mulher era submissa ao homem. Desse modo, busca identificar os fatores que levaram-na à quebrar as regras estabelecidas pela sociedade e adentrar no mundo literário, bem como entender como foi esse caminho para a construção identitária e da libertação feminina na literatura como autora, visto que Espanca abriu passagem para que outras mulheres pudessem expressar seus sentimentos, anseios e angústias por meio das obras literárias, considerando o fato de que nesta época a mulher não era bem vista caso se inserisse no meio literário, bem como suas obras não eram aceitas por parte dos leitores. Para tanto, recorre-se a autores como: MOISÉS (2010); HALL (2014); LAJOLO (1985); SAMUEL (1985); PROENÇA FILHO (1985); EDFELDT (2006); SARAIVA e LOPES (1996); SOUZA (2010); JUNQUEIRA (2015); entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Florbela Espanca. Mulher na Literatura. Representatividade Feminina. Identidade.

ABSTRACT

This work aims to analyze the poetic work of Florbela Espanca, aiming to discuss the theme of the representation of the female figure in the literary field at a time when women were submissive to men. In this way, it seeks to identify the factors that led her to break the rules established by society and enter the literary world, as well as understand how this path was for the construction of identity and female liberation in literature as an author, since Espanca opened the way for that other women could express their feelings, anxieties and anxieties through literary works, considering the fact that at this time the woman was not well regarded if she entered the literary environment, as well as her works were not accepted by the readers. For that, we turn to authors such as: MOISÉS (2010); HALL (2014); LAJOLO (1985); SAMUEL (1985); PROENÇA FILHO (1985); EDFELDT (2006); SARAIVA and LOPES (1996); SOUZA (2010); JUNQUEIRA (2015); between others.

Key-words: Florbela Espanca. Woman in Literature. Female Representativeness. Identity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 LITERATURA E SOCIEDADE 17

2.1 CONCEITO DE LITERATURA **17**

2.2 LITERATURA NO MEIO SOCIAL **18**

3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA SOCIEDADE E A SUA REPRESENTAÇÃO NO MEIO LITERÁRIO 20

3.1 A MULHER SOB ÓTICA SOCIAL **20**

3.2 A NOÇÃO DE IDENTIDADE **26**

3.3 IDENTIDADE FEMININA **28**

3.4 REPRESENTAÇÃO DO FEMININO **29**

4 FLORBELA ESPANCA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A LITERATURA FEMININA 32

4.1 A ESCRITA FLORBELIANA E SUAS PRINCIPAIS TEMÁTICAS **35**

5 CONCLUSÃO 46

5 REFERÊNCIAS 48

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo tem como objeto principal de pesquisa a representação feminina nas obras da poetisa portuguesa Florbela d´Alma Conceição Espanca, nascida em Vila Viçosa, em 8 de dezembro de 1894, filha do pequeno burguês, João Maria Espanca e da empregada doméstica, Antônia da Conceição Lobo. Segundo Junqueira (2015), a autora nasceu no período monárquico de Portugal sob condição de marginalidade, visto a ausência da figura paterna no registro da certidão de batismo.

A pesquisa tem como objetivo analisar as obras *Antologia Poética (2015) e Diário do Último Ano de Florbela Espanca (2009)*, visando identificar os fatores que a levaram a transgredir os costumes patriarcais de sua época e adentrar no mundo literário, bem como entender como foi esse caminho para a construção identitária e para a libertação feminina no âmbito literário. Além disso, busca descrever como era a sociedade do século XX, no período da produção literária de Florbela Espanca; compreender como era vista a mulher na época e como se deu a aceitação dos leitores e leitoras pela obra da referida escritora e identificar os motivos que fizeram-na transcender os costumes daquela fase da sociedade.

Desse modo, Florbela Espanca enfrentou dificuldades para conquistar seu espaço no mundo da literatura devido à sua condição de mulher. E considerando o fato de que os escritores masculinos dominavam a literatura, de que forma a escritora conseguiu lograr êxitos quanto à representatividade da mulher no âmbito literário e como contribuiu para a construção da identidade feminina perante a sociedade de sua época?

Conforme Junqueira (2015), Florbela Espanca foi considerada a maior representante feminina da poesia portuguesa. No entanto, durante sua vida, conviveu com a indiferença da crítica e, somente após a sua morte é que sua obra foi redescoberta. Partindo dessa premissa, este estudo busca compreender também como a escritora era vista em uma época em que a mulher não era valorizada no mundo literário, bem como relatar como isso refletiu para a construção da identidade feminina.

A fim de atingir os objetivos propostos, a pesquisa parte de um pressuposto qualitativo e, Neves (1996) ressalta que, esse tipo de estudo procura obter dados descritivos, visto que o pesquisador busca compreender os fenômenos sob o olhar dos indivíduos que participam da situação estudada. Oliveira (2009), salienta que a

pesquisa qualitativa se refere ao posicionamento utilizado para fazer pesquisa, defendendo o estudo humano, considerando esse como um ser ativo que interpreta o mundo de forma continuada, encaminhando os estudos que possuem como objeto os seres humanos. Diante desse ponto de vista teórico, Oliveira (2009, p. 3) enfatiza que “a vida humana é vista como uma atividade interativa e interpretativa, realizada pelo contato direto das pessoas”.

Além disso, o estudo tem um cunho bibliográfico e documental. E segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica se desenvolve através de diversas etapas, sendo elas: a escolha do tema; o levantamento bibliográfico; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca de fontes; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto e redação do texto. Ainda conforme Gil (2002), a primeira etapa é uma das mais fáceis, visto que qualquer ciência dispõe de variados temas para uma pesquisa e deste modo o pesquisador terá inúmeras opções disponíveis para sua escolha.

Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), tanto a pesquisa bibliográfica quanto a documental possuem o documento como objeto de estudo, porém a concepção de documento vai além de textos escritos e impressos. Desse modo, o objeto pode ser escrito ou não, e neste sentido, temos como exemplo: slides, fotos, pôsteres, imagens, filmes, vídeos, sendo utilizados como uma fonte riquíssima de informações, podendo esclarecer e indicar questões, considerando que o seu conteúdo possui o poder de desvendar diversas questões, bem como também de provar fatos, em conformidade com interesses do investigador.

Ainda segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), a pesquisa documental é um processo que faz uso de modos e estratégias para a percepção, o entendimento e o estudo de documentos de diversos tipos. Além disso, a distância entre a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental é mínima. Diferenciando-se apenas quanto à origem das fontes, uma vez que a pesquisa bibliográfica se volta para as contribuições de vários escritores no que se refere ao tema, considerando as fontes secundárias, ao passo que a pesquisa documental conta com elementos que não tiveram nenhum tratamento analítico, denominados como fontes primárias, configurando assim como a principal diferença entre os dois tipos de pesquisas citados.

Conforme as postulações de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), é extremamente importante que os cientistas sociais compreendam o conceito de fontes primarias e secundárias, já que a primeira consiste em elementos originais, que

possibilitam um contato direto com os fatos a serem examinados pelo pesquisador. Já as fontes secundárias referem-se a noções que já foram investigadas e analisadas por outros pesquisadores e estudiosos, tendo dessa forma o domínio cientifico.

Para fundamentar sobre a literatura, utilizamos o aporte teórico dos seguintes autores: Lajolo (1985), Samuel (1985), Proença Filho (1985); quando se trata de feminismo: Carvalho e Martins (1998); para referenciar sobre a Literatura Portuguesa: Moisés (2010,1994); para elencar sobre o conceito de identidade: Hall (2014) e, para tratar das representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XX, utilizamos Edfeldt (2006).

Sabemos que atualmente, de acordo com a lei, a mulher possui os mesmos direitos que os homens, porém, ainda existe certo preconceito em relação à posição feminina na sociedade. Pensando em séculos anteriores, é notável a submissão ao patriarcado e, no âmbito literário, a figura feminina não tinha nenhum espaço, considerando o fato de que esta não era vista com bons olhos diante da sociedade se inserisse no meio literário, visto que tal atitude era considerada uma transgressão, pois estaria quebrando as regras e preceitos impostos à figura feminina.

Nesse sentido, a fim de nos aprofundarmos sobre a relação da linguagem e cultura, decidimos estudar a escrita de Florbela Espanca, considerando o fato de que esta foi uma mulher à frente de seu tempo e que a sua escrita contribuiu para a busca da liberdade feminina como também para a construção de sua identidade.

Segundo Baptista e Dal Corno (2014), a estrutura de uma sociedade é definida por dois aspectos distintos, sendo a linguagem e a cultura, que são interligados. Diferentemente de algo pronto e finalizado, a linguagem é vista como um processo que está sempre em construção, sendo produzida permanentemente. Além do mais, é considerada como uma prática social e cultural, construída por todos integrantes de uma determinada localidade, configurando, assim, uma identidade cultural que nada mais é do que um conjunto de costumes, maneiras, características e valores de uma pessoa, um povo ou uma comunidade e, que são modificados ao longo e de acordo com a evolução do tempo. Já a palavra cultura, de acordo com a nossa leitura de mundo, sabemos que envolve diversos aspectos, como, por exemplo, os valores, costumes, hábitos, crenças de um povo ou de uma sociedade e que são passados ao longo do tempo e de geração para geração.

Quanto à relevância pessoal, esse estudo nos leva a ansiarmos uma sociedade mais justa, em que os direitos devem ser tratados de forma igualitária e

independentemente de gênero. E a escrita de Florbela Espanca, bem como a sua história e o seu percurso no ambiente literário, demonstram a capacidade que as mulheres têm de exercerem as mesmas atividades que os homens. A importância de trabalhar este tema é mostrar como Florbela Espanca era vista e como sua escrita era encarada na sociedade, tendo em vista que a poetisa, com sua coragem, ousadia e empenho, abriu um espaço para as mulheres no mundo literário contrariando os padrões sociais estabelecidos e as normas de uma época em que a figura masculina era a que predominava na sociedade, tendo todos os direitos garantidos, enquanto a função feminina tinha sido estabelecida a partir da cultura e de costumes, que era cuidar da casa e dos filhos. E no universo literário não era diferente, visto que todo espaço e todo valor eram destinados a literatura masculina, já que o homem era considerado superior às mulheres, não só devido a questões biológicas, mas também porque estes eram considerados mais inteligentes.

No contexto social, é notória a relevância desse estudo, pois aborda a questão do papel e do lugar da mulher na literatura, bem como a construção da identidade feminina. O estudo da vida e obra de Florbela Espanca retrata que a mulher é capaz de alcançar todos os seus objetivos com garra e ousadia e enfrentar todos os obstáculos para finalmente conseguir o que almeja. E a escrita de Florbela Espanca veio para revolucionar, pois escrever sobre sua vida e seus sentimentos foi uma atitude bastante ousada e que a levou a quebrar todas as regras da sociedade e, mesmo com todas as dificuldades e obstáculos, ela não só conseguiu adentrar nesse universo literário, como também garantiu o seu espaço, contribuindo significativamente para a construção da identidade feminina.

E como relevância acadêmica, por ser uma futura docente, essa pesquisa é um meio de divulgar as obras da poetisa portuguesa que lutou muito para garantir o seu espaço no meio literário em uma época em que a mulher era submissa ao homem e que somente a literatura masculina era valorizada. Além disso, proporciona também o entendimento de que a identidade é algo que está sempre em construção, é um processo que não tem fim, pois estamos sempre buscando novos conhecimentos, novas formações e novos papeis e lugares na sociedade.

Considerando o fato de que essa pesquisa visa o estudo das obras poéticas de Florbela Espanca no século XX como fator que contribuiu para o processo de construção da identidade feminina e representação da mulher no âmbito literário, esse trabalho será elencado através de dois conceitos basilares, a identidade e a

representatividade, considerando outros fatores, tais como a literatura e o papel da mulher na sociedade e na literatura. A discussão será guiada a partir da noção de identidade definida por Hall (2014) e Zinani (2013) e representatividade sob perspectiva de Schwantes (2006).

A escritora é considerada um dos maiores nomes literários da literatura portuguesa. Espanca cresce em um meio que já se distancia do contexto corriqueiro daquela época, que considerava o casamento um enlace fidedigno e respeitoso. No entanto, o pai da autora, João Maria Espanca era casado, mas teve dois filhos fora do matrimônio, com Antónia da Conceição Lobo.

Inseriu-se no campo literário desde cedo, pois começou escrever ainda no período escolar. Além disso, ela foi uma das primeiras mulheres a ingressar no curso Liceu, que tinha um maior número de alunos homens, indo contra os padrões estabelecidos pela sociedade que não via juntamente com os professores, essa atitude com bons olhos. Espanca também foi a primeira mulher a ingressar no curso de direito em uma Universidade de Lisboa.

A sua vida pessoal também contribuiu para sua independência feminina, visto que a poeta casou três vezes, e se divorciou em dois desses casamentos, indo contra os preceitos enraizados na sociedade. E, segundo Vilela (2019), no que se refere à escrita, Florbela Espanca abordou temas como amor, desejo e erotismo, demonstrando dessa forma que as mulheres poderiam muito bem tratar desses temas que até então eram considerados como um tabu no início do século XX.

A condição feminina foi uma barreira para o seu desenvolvimento, sua imagem e representatividade no meio literário, considerando que naquele período era dominado pelo gênero masculino e este fato a revoltava bastante, pois, esta não aceitava essa condição imposta às mulheres de seu tempo. Ela não se prendia a regras e nem se importava com o preconceito de uma época que era conservadora.

A trajetória de Espanca não foi fácil para conseguir reconhecimento no espaço literário da língua portuguesa e, por meio da sua escrita, ela garante o seu espaço e, mesmo adotando posturas que eram consideradas transgressões aos olhos da sociedade da época, ainda assim se constituiu como sujeito dominante no campo da literatura, favorecendo a representação e a construção da identidade e da imagem feminina nesse meio.

No primeiro capítulo, intitulado como Literatura e sociedade pretende-se enfatizar a importância da literatura para a sociedade e para as nossas vidas,

considerando que esta nos permite embarcar em viagens de volta ao passado através das páginas de um livro, revelando desse modo significados e culturas de diversas épocas.

O segundo capítulo aborda sobre a construção da identidade e a representação feminina no meio literário, analisando a figura feminina sob a ótica social, visto que, desde séculos passados, a figura feminina era inferiorizada e no meio literário não era diferente. As mulheres tiveram dificuldades para adentrar ao universo literário, uma vez que a sociedade era machista e patriarcal e não reconhecia as suas capacidades intelectuais.

No terceiro capítulo, intitulado como Florbela Espanca e suas contribuições para a literatura feminina, pretende-se apresentar um breve relato sobre a vida de Florbela Espanca, bem como alguns dos seus poemas que trazem temáticas que revelam o quanto ela quebrou as regras de sua época, não seguindo moldes e regras impostos pela sociedade portuguesa, visando identificar as suas angústias, dores e sentimentos expressos em seus poemas, dores essas que culminou na sua morte ocasionada por uma excessiva ingestão de medicamentos.

Enfim, escrever sobre Florbela Espanca, uma mulher a frente de seu tempo é um desafio gigantesco.

2 LITERATURA E SOCIEDADE

A literatura ocupa um lugar de grande destaque em nossas vidas e em nossa sociedade, visto que, ela nos permite adquirir novos conhecimentos, ampliando a nossa visão de mundo, trazendo-nos inquietações e questionamentos, bem como, nos permitindo obter um ponto de vista mais crítico sobre dadas situações

Neste capítulo, buscaremos reforçar a importância da literatura para a sociedade e para as nossas vidas, considerando que esta nos permite voltar ao passado e relembrar aspectos culturais de diferentes épocas.

2.1 CONCEITO DE LITERATURA

A literatura ocupa um lugar de grande destaque em nosso mundo e em nossa sociedade, pois ela favorece e contribui para a leitura que, como sabemos, é imprescindível em nossas vidas. Além disso, revela culturas e significados de diferentes épocas que, com o passar dos anos, nunca esqueceremos graças aos registros nos livros, visto que essa nos permite embarcar em uma viagem de volta ao passado através das páginas amareladas e das letras impressas em um livro. Ademais, podemos também identificar sentimentos e angústias expressos nas páginas das obras literárias.

Etimologicamente, o termo literatura é uma palavra de origem latina que vem do latim *litera*, significando letra. Desse modo, pode ser definida como uma arte de criar e produzir textos.

Segundo Samuel (1985), a literatura é uma narrativa, drama ou poema. Enquanto, Lajolo (1985) a configura por outros significados, entre eles, erudição, conhecimentos gramaticais, domínio das línguas clássicas. Apenas em meados do século XVIII o termo passou a ser generalizado e aproximou-se do sentido que é utilizado nos dias atuais.

Ainda segundo Lajolo (1985), a literatura é a porta que conduz a um mundo autônomo que, surgindo com ela, não se rompe na última fala de representação, mas permanece instigando e confrontando o leitor, agregando como vivência e constituindo-se em marco do itinerário de leitura de cada um.

Grosso modo, a literatura engloba diferentes gêneros e nos oferece uma vasta produção em épocas diversas, nos possibilitando conhecer as inúmeras culturas e

costumes, bem como as identidades construídas ao longo do tempo. E, segundo Proença Filho (1985), a literatura pode apresentar uma identidade atemporal entre os seres sociais de diferentes épocas, desse modo, quem lê, tem a possibilidade de restaurar o passado e recriar emoções. Neste sentido, a obra literária caracteriza-se como objeto social, visto que implica em uma escrita por alguém, para que torne público a leitura para outros. Sendo assim, o leitor tem a oportunidade de se encantar com as obras, de identificar emoções, angústias e sentimentos expressos nos textos e, além disso, a leitura de uma boa obra literária pode instruir e enriquecer o intelecto desse leitor, pois possibilita a aquisição de saberes bastante significativos para a formação como sujeito.

Conforme Samuel (1985), a literatura com a sua irrealidade desmascara a realidade que se encontra mistificada, alienada no mundo real e na sociedade, existindo na realidade um descompasso no que se refere a aparência e a essência. E uma obra literária serve muitas vezes como um instrumento de crítica social, visto que, de forma subjetiva faz uma crítica a questões sociais de épocas e culturas diversas.

Ainda de acordo com Samuel (1985), a literatura é um suporte que apresenta uma crítica a realidade e a sociedade. Além disso, a literatura nos possibilita um retorno ao passado e o mundo literário nos permite uma leitura prazerosa e de suma importância, pois a leitura amplia os nossos horizontes, permitindo uma nova visão de mundo e proporcionando um grande enriquecimento intelectual, cultural e crítico para os leitores.

2.2 LITERATURA NO MEIO SOCIAL

Segundo Souza (2010), quando se trata de literatura e sociedade é impossível dispensar a ligação entre literatura e realidade. Souza (2010), ainda acrescenta que essa ligação ocorre desde a *Poética de Aristóteles* denominada como *mimesis.* Souza (2010) ressalta que a literatura para Aristóteles refere-se à representação do real, atendendo dessa forma a premissa da verossimilhança, que considera algo coerente somente se parecer real, se aproximar o máximo da realidade. Ainda conforme Souza (2010), essa percepção da literatura como reprodução do que é real adotada é também questionada/criticada.

Segundo Candido (2006, p. 77) “a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores, e só se vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”.

Conforme Candido (2006) afirmar que a arte reflete a sociedade constitui hoje uma verdade incontestável, no entanto, no passado esse entendimento foi algo histórico e inovador. E no que se refere a literatura, Candido (2006) afirma que:

> Isto se esboçou no século XVIII, quando filósofos como Vico sentiram a sua correlação com as civilizações, Voltaire, com as instituições, Herder, com os povos. Talvez tenha sido Madame de Staél, na França, quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre (CANDIDO, p. 23).

Candido (2006) enfatiza que a literatura é um composto vivo de produções que agem sobre a pessoa que as lê, como também umas sobre as outras e estas obras só possuem vida ao tempo que os leitores aceitam, interpretam ou desfigure-as. Ele ainda acrescenta que a obra não é algo inerte, homogêneo perante ao público e nem o público é passivo, registrando dessa forma o seu efeito de uma maneira uniforme, constituindo dois termos que agem um com o outro, unindo-se ao autor que é o ponto inicial desse sistema que possibilita um movimento contínuo da obra literária, permitindo a representação da realidade literária visando a atuação no tempo. Ainda segundo Candido (2006), o posicionamento do escritor advém da definição social que os grupos constituem relacionado a ele, não relacionando obrigatoriamente ao seu próprio conceito.

Candido (2006, p. 24) destaca que para sociólogos modernos, a arte é social no sentido em que decorre do efeito de fatores do meio, apresentados na obra em diversos níveis de sublimação, gerando sobre os sujeitos resultado prático, transformando comportamentos e o seu ponto de vista acerca do mundo ou fortalecendo neles os valores sociais. Candido (2006) acrescenta que este fato deriva da própria obra em si independentemente do nível de percepção que possam ter acerca dos artistas, bem como dos indivíduos que são denominados como receptores da arte.

3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA SOCIEDADE E A SUA REPRESENTAÇÃO NO MEIO LITERÁRIO

Este capítulo, abordará a construção da identidade e a representação da mulher no âmbito literário, visando analisar a figura feminina sob a ótica social, levando em consideração o fato de que em séculos anteriores a mulher era diminuída socialmente e no espaço literário não era diferente. Neste sentido, as mulheres enfrentaram diversos obstáculos para adentrar ao mundo literário, visto que a sociedade da época era patriarcal e não valorizava as suas capacidades.

3.1 A MULHER SOB ÓTICA SOCIAL

No decorrer dos tempos, grande parte das sociedades reservaram para a figura feminina um papel inferior em relação aos homens, destinando-as às atividades domésticas e familiares. Segundo Carvalho e Martins (1998), a Bíblia sagrada traz um dos mais antigos registros do papel que estava destinado à mulher na sociedade organizada pelos homens que era gerar descendentes e cumprir as vontades do marido. Desse modo, ela não desenvolvia nenhuma atividade fora do lar e não podia se revoltar contra isso e, caso tentasse ocupar os espaços destinados ao sexo masculino, era considerada violação à vontade divina.

Atualmente essa situação mudou um pouco e, cada vez mais, a mulher demonstra que tem capacidade para exercer atividades que antes eram designadas apenas para a figura masculina. No entanto, vale ressaltar que, em alguns países, a realidade não é essa, como atesta Carvalho e Martins (1998), ao alegar que, nessas sociedades, as mulheres são tratadas como subservientes e inferiores aos homens. As muçulmanas, por exemplo, não decidem o seu destino e não executam nenhuma tarefa pública e em diversos países do Oriente Médio, as mulheres são obrigadas a obedecer aos homens, e os tribunais não garantem nenhum direito feminino. Porém, essa situação vem mudando, devido ao fortalecimento de movimentos feministas em busca dos direitos civis independente de gênero.

Godois (2016) salienta que ao longo da história, as mulheres foram dominadas pelos homens e só passado um bom tempo é que puderam acessar os estudos, podendo dessa forma expor suas opiniões, constituindo-se como sujeito participativo na história, ressignificando o seu papel na sociedade.

Segundo Andrade (2020), as mulheres sempre foram inferiorizadas e diminuídas no âmbito social no decorrer do desenvolvimento humano, e vale ressaltar que este é um fato intemporal e que abrange diversos aspectos, principalmente no que se refere a questão da dominação masculina. Andrade, (2020, p. 3) acrescenta que a instituição familiar sempre teve como líder a figura paterna, um ser considerado superior, posicionado de uma forma privilegiada em relação às mulheres e que tinha o total domínio sobre elas. Desse modo o homem assumia o papel de dominador e as mulheres, sendo o gênero menos privilegiado passavam a ser dominadas. Ainda segundo Andrade (2020), com o passar dos tempos, as mulheres cansaram de serem oprimidas e resolveram romper as barreiras, deixando de serem dominadas pelo gênero masculino e nesse período muda também o seu posicionamento literário, transformando o discurso feminino, a maneira de vestir, a conduta, dentre outras mudanças que foram fundamentais para a relação entre homem, mulher e mundo.

Andrade (2020) ressalta que as mulheres tiveram inúmeros obstáculos para ocuparem o posto de protagonistas, principalmente no que se refere ao âmbito literário. Desse modo, elas lutaram bravamente em prol da preferência leitora e pela libertação dos estereótipos estabelecidos, rompendo com as regras e os padrões que foram impostos a elas ao longo dos tempos, se adequando ao ambiente sociocultural que estavam inseridas visando uma redefiniçao das suas concepções em consonância com os espaços que lhes eram reservados.

Andrade (2020, p. 4) afirma que:

> No fim do século XVIII e início do século XIX a mulher não tinha autonomia para assumir seu próprio posicionamento intelectual e discursivo, desde então, foi travada uma luta que transcenderia gerações femininas em busca de igualdade social, financeira, de direitos e de deveres, e inclusive intelectual e discursiva.

Andrade (2020) acrescenta que no período da revolução industrial a mulher começa a construir a sua identidade, enquadrando-se no perfil de uma mulher moderna, perfil esse que até aquele momento não existia. Desse modo a mulher teve uma participação necessária nas fábricas que precisavam de inúmeros funcionários e esse fato contribuiu positivamente para o movimento feminista que possuiu como ponto principal a igualdade, ou seja, nessa concepção os homens e mulheres possuem os mesmos direitos podendo exercerem as mesmas atividades sem distinção de sexo. Além disso, vale ressaltar que as guerras contribuíram para essa

participação da mulher no mercado de trabalho, visto que, muitos homens foram lutar e muitos perderam a vida gerando desse modo uma grande escassez de mão de obra masculina, levando as indústrias a contratarem mulheres para exercerem as funções profissionais. É importante salientar também que com as guerras, muitas mulheres ficaram sem os maridos e desse modo precisaram buscar trabalho para sustentar suas famílias sozinhas e, estes fatos contribuíram significativamente para participação da mulher na sociedade, bem como para a construção identitária.

Em séculos passados, predominava na literatura o espaço masculino e não porque os homens tinham maior capacidade intelectual, mas sim porque, naquela época, a mulher era submissa ao homem e seu papel era apenas o de cuidar do lar. Neste sentido, a frase “Lugar de mulher é na cozinha” traduz esse pensamento enraizado na sociedade e, como revela Carvalho e Martins (1937), a maior parte da sociedade rebaixou as mulheres a um papel secundário e, desse modo, as únicas atividades desenvolvidas por elas eram as relacionadas aos afazeres domésticos e os cargos de grandes posições eram destinados aos homens, considerados seres superiores e independentes.

Telles (2008) destaca que o século XIX apresentou diversas mudanças no âmbito social e econômico europeu, o que afetou o restante do mundo, sobretudo por conta do processo expansionista. Esse período caracterizou-se pelo imperialismo europeu, utilizando justificativas científicas e filosóficas para atuar nesse movimento pela disputa territorialista.

Conforme Telles (2008), a cultura foi responsável por esse processo, visto que os séculos de colonização eram marcados por um forte eurocentrismo, que exaltava os costumes europeus caracterizados por uma sociedade branca, masculina letrada e cristã, desse modo excluía identidades distintas, classificando-as como inferiores. No entanto, não é possível ter completa hegemonia, portanto outras formas culturais coexistiram, resistindo em diferentes níveis, contrapondo essa visão centrada na Europa.

Telles (2008) acrescenta que escrita e saber estiveram entrelaçados ao poder, funcionando como uma ferramenta de domínio no momento em que se descreve maneiras de socialização, papéis sociais, bem como sentimentos esperados em dadas situações.

Ainda segundo Telles (2008) vale lembrar que o século XIX foi sombrio para os colonizadores, para as mulheres e para as classes trabalhadoras europeias, além

disso neste século houve o surgimento dos movimentos sociais, o socialismo, feminismo, movimento sufragista e a nova mulher.

Conforme apontamentos de Telles (2008), a leitura apresenta um papel primordial no que diz respeito aos enredos criados pelo autor, pois os fatores sociais, a exemplo de classe, raça e gênero influenciam na representação dos elementos descritos literariamente. Desse modo, os alfabetizados liam para aqueles que não sabiam ler.

No século XIX observa-se uma multiplicação no número de leitores, que passaram a ser compostos em maior parte por mulheres burguesas. Essa mudança também alterou a definição do papel feminino na sociedade, que passou a ser ajudante do homem, educadora dos filhos, configurando-se como um anjo do lar ou a um maniqueísmo, como perversas.

Diante das mudanças em detrimento da ascensão da sociedade burguesa, a mulher foi definida como maternal e delicada, mas também como aquela que queria usurpar de atividades inapropriadas, o que a caracterizava como um ser maligno e temido pelos homens.

Assim como a mulher era vista e tratada pela sociedade em uma posição subalterna, essa imagem era representada pelos escritores, colocando-as como sem autonomia e subservientes às vontades do homem, seja o pai ou cônjuge. De acordo com Telles (2008), a figura feminina era designada a uma vida marcada por sacrifícios e servidão, sendo impedida de escrever a própria história, portanto resumida apenas ao papel de musa e inspiração, no entanto, nunca poderia criar.

Nesse período, marcado pela ascensão burguesa, cresce também o número de mulheres que passaram a escrever e publicar textos, tanto no continente europeu, quanto no americano.

Inseridas em uma sociedade patriarcal, os direitos à educação, sobretudo a superior, era negada. Desse modo, qualquer atividade que fugisse das domésticas era considerada imoral. Portanto, inúmeros foram os desafios para leitura e escrita, visto que os materiais lidos destinavam ao ensino de morais e etiquetas.

Ainda de acordo com Telles (2008), no século XIX, as mulheres desse período eram impossibilitadas de participarem ativamente da sociedade, a exemplo dos cargos públicos compostos majoritariamente pela figura masculina, deixando-as à mercê dos homens, visto a não asseguração dos direitos vitais à sobrevivência. Trancadas em casas, senzalas, mocambos ou sobrados, elas não tinham acesso à

educação superior, tornavam-se sujeito das escolhas alheias a ela, subjugando a autoria das ações ao sistema patriarcal. Desse modo, a literatura as representa conforme a cultura social, portanto, a submissão da vida real espelhava a escrita de textos que as colocavam nesse papel de subserviência.

Telles (2008) salienta que a escritora e crítica literária inglesa, Virgínia Woolf, que viveu nas primeiras décadas do século XX, atestou que a mulher era vista como um espelho duplicado do homem. Destarte, a figura feminina era responsável pelo elo entre artista e desconhecido, o que a concebeu como musa inspiradora e também criatura.

Por muito tempo a mulher teve seu papel inferiorizado, subalterno para as questões sociais e na literatura não era diferente. Neste sentido, Rossine (2016) salienta que as mulheres sempre foram vistas como um ser inferior em relação à figura masculina e isso se dava não só no meio cultural, como também no social, na história e na política. Podemos acrescentar no meio literário, considerando que por muito tempo os homens eram dominadores desse espaço, limitando a capacidade intelectual da figura feminina, bem como dificultando a sua constituição como sujeito no âmbito literário.

Para tanto, Rossine (2016, p. 2) ressalta que:

> No campo literário e cultural a experiência feminina sempre vista de forma não valorativa justifica o surgimento, em meados do século XX, de ações no sentido de conscientizar os indivíduos da necessidade de desconstruir a opressão e a marginalização da mulher – construída ao longo da história.

Desse modo, como elucida Rossine (2016), o fortalecimento da literatura produzida pela classe feminina, iniciando-se o percurso no século XIX, foi se consolidando no decorrer do século XX e vale ressaltar que, a produção literária ocidental era formada por obras escritas pela classe masculina, sendo homens, brancos e da elite sociocultural, considerando que, esse cânone literário era carregado de ideologias dominantes.

Campos e Franzó (2019) ressaltam que a literatura de autoria feminina carrega um desejo de modificar as condições impostas as mulheres, objetivando a construção identitária e a luta pelo fim da submissão e, neste sentido, vale ressaltar que o sexo feminino, desde quando iniciaram as suas produções no âmbito literário, vem tentado

mudar a ideia de que a escrita é algo permitido apenas aos homens, é algo que somente eles são capazes de produzir. Desse modo, por viver em uma sociedade que era considerada patriarcal, a literatura feminina não obteve visibilidade tão cedo e foi necessário que as mulheres lutassem para garantir o seu espaço nesse universo literário. Campos e Franzó (2019) ainda evidenciam que as mulheres buscaram o seu lugar na sociedade, visando construir a sua identidade e sair da submissão que era imposta, bem como, expressar os seus sentimentos e emoções através da escrita.

Edfeldt (2006) destaca que a partir da década de 70, os investigadores ocidentais da literatura observaram a existência de entraves relacionados à prática e política de marginalização que a autoria feminina tem enfrentado, visto que, desde o século XIX, a soberania literária masculina era predominante, dificultando dessa forma a presença da figura feminina como escritora no âmbito literário.

Neste sentido, o uso de pseudônimo foi muito comum no decorrer dos séculos até a primeira metade do século XX por mulheres/escritoras portuguesas que tinham como objetivo apresentar outra identidade com intuito, na maioria das vezes, de vencer as barreiras que eram impostas devido a sua condição feminina. Edfeldt (2006) elucida que no decorrer do século XX, com auxílio dos movimentos de defesa e divulgação dos direitos das mulheres, a atividade literária começou a aceitar a autoria feminina.

Edfeldt (2006) salienta que as mulheres constituem uma enorme massa em nossa sociedade, vivendo em um meio que ainda existem vestígios de uma época que elas tinham seus direitos limitados, desse modo os indivíduos eram criados de acordo o gênero. A presença delas no âmbito histórico-literário é extremamente importante, pois torna a figura feminina visível e representada, visto que, dessa forma, elas garantem o seu espaço, obtendo uma legitimação de sua identidade enquanto sujeito e enquanto mulher escritora.

Edfeldt (2006) ressalta que a literatura produzida por mulheres contém um alto valor em si mesma no que se refere a perspectiva sócio histórica, na medida em que fornece novos aspectos enriquecedores sobre um passado histórico.

Ainda conforme Edfeldt (2006), em um processo histórico, no âmbito literário a noção de escritora é subordinada à noção de mulher, ou seja, em séculos passados os textos literários eram avaliados, considerando primeiramente paradigmas que designam a construção do papel destinado à mulher na sociedade e não dos parâmetros que estavam em voga para os homens escritores. Desse modo, as

autorias de ambos eram interpretadas em planos diferentes, marginalizando dessa forma a representação da autoria feminina e diminuindo o valor literário dos seus textos.

No que se refere às correntes literárias, percebe-se que a autoria masculina tem papel dominante e a figura feminina dificilmente enquadra nesse processo como cânone. Neste sentido, Edfeldt (2006) enfatiza que a ausência de textos escritos por mulheres implica num apagamento da escrita feminina para o cânone literário português.

O silenciamento histórico do papel feminino no meio literário reflete basicamente na história literária como portadora de uma memória nacional e dessa forma a omitir e ocultar a representação da mulher nesse período resulta em um apagamento da autoria feminina no passado, induzindo à concepção de que naquele período não existiam mulheres escritoras.

Edfeldt (2006) destaca que a construção histórica que não contempla a identidade feminina na escrita faz com que as futuras gerações fiquem aquém das narrativas herdadas pela literatura portuguesa.

Partindo desse pressuposto, essa omissão e esse silenciamento do papel da mulher na literatura como autora repercute em diversos contextos e podemos citar o prêmio Nobel de Literatura que iniciou desde 1901 e, ao longo desse período, só destinou 17 premiações a mulheres, ou seja, isso reflete que as produções literárias da figura feminina não são ainda tão valorizadas quanto deveriam.

Segundo Villela (2019), em séculos anteriores, as mulheres muitas vezes assinavam suas produções com pseudônimos masculinos, ocultando a sua real identidade, pois, se a sociedade soubesse que a obra tinha sido escrita por uma mulher, não iria ler. Desse modo, isso revela que a mulher enfrentou muitos obstáculos para conseguir espaço nesse meio onde apenas as produções literárias masculinas é que tinham destaque e valor.

3.2 A NOÇÃO DE IDENTIDADE

Ultimamente discute-se muito sobre a noção de “identidade”. Ao mesmo tempo, submeteu-se essa questão a rigorosas críticas, em relação ao modo de explicar esse tema e como o ser humano se posiciona nesse conceito.

Existe uma desconstrução dos aspectos identitários que vêm se intensificando nas mais variadas disciplinas, essas questionam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada. Nesse sentido, este tema delimitou, na crítica antiessencialista dos julgamentos étnicos, raciais e nacionais da identidade cultural e da “política da localização” (HALL, 2014, p. 103), algumas das concepções teóricas mais criativas e enérgicas em relação às questões da subjetividade e da identidade.

Segundo Hall (2014), para responder à questão de identidade é preciso centralizar, antes de tudo, na questão da política, visto que essa apresenta uma relação primordial com o conceito identitário ao evidenciar noções de dificuldades e instabilidades sociais.

Para compreendermos o conceito de “identidade”, é necessário, pois, discutir sobre um dos aspectos que o envolve, como a questão da “identificação”. De acordo com Hall (2014), o conceito de “identificação” não apresenta muito desenvolvimento, sobretudo pela teoria social e cultural.

Nesse sentido, para garantir a certeza contra as dificuldades de se conceituar essas questões, é preciso buscar compreensões tanto nos fenômenos do sistema discursivo quanto no sistema psicanalítico. Para a abordagem discursiva, a identificação é como se fosse uma construção, como um processo que nunca acaba, como algo sempre em “processo”.

Grosso modo, a concepção de identidade não permanece a mesma ao longo da história, Hall (2014) atesta que as identidades não são unificadas, especialmente na modernidade tardia, elas adquiriram um caráter mais fragmentado. Nessa perspectiva, por ser um aspecto social, elas nunca serão singulares, visto a capacidade múltipla dos indivíduos de cruzarem culturas, discurso e práticas.

Dessa forma, este conceito, transforma-se no decorrer do tempo e do espaço. A construção da identidade do indivíduo ocorre pela necessidade de sobrevivência, bem como as intrínsecas variabilidades das relações sociais e sua delimitação do contexto espaço e tempo em que este está inserido.

As identidades estão de certa forma, aptas a uma historicização radical, estando sempre em processo de mudança e transformação, como afirma Hall (2014) ao pontuar a relação identitária com passado histórico alinhado às questões linguísticas e culturais, aos quais mantêm correspondência.

Como vimos, as reflexões acerca da Identidade variam conforme o tempo, mas continuam sendo temas discutidos, pois há uma necessidade de análise sobre a

caracterização e a compreensão do indivíduo enquanto ser social bem como agente de sua própria construção.

3.3 IDENTIDADE FEMININA

Zinani (2013), ressalta que a construção identitária feminina e a ligação dela com a nação resultam de aspectos fundamentais nos estudos feministas, no entanto, geram compreensões sociais diferentes. Silenciada por longo tempo, a fala da mulher precisou utilizar a linguagem dominante, assim seguindo os costumes, o que a impossibilitava de usar um registro diferente do padrão.

De acordo com Zinani (2013), a construção do eu feminino é um movimento histórico que provocou transformações quanto ao papel social adquirido, visto que as funções poderiam ser desempenhadas independentemente de gênero.

Conforme Tedeschi (2016), as mulheres participaram ativamente da sociedade, a exemplo da produção histórica e literária, porém a atuação delas era maquiada e, representada através da divisão do trabalho, como afazeres domésticos e procriação. Ainda segundo o autor, a escrita e autoria dessa eram destinadas ao grupo social composto por doutrinados, literatos, cronistas e historiadores, que escreviam para relatar conquistas, atos heroicos, a fim de mostrar soberania daqueles que eram retratados.

Ao observar o panorama da produção literária, é fundamental compreender o contexto social do Ocidente no século XIX. Conforme Wiechmann (2012), a sociedade patriarcal dividia os papeis sociais, sendo assim a figura masculina se responsabilizava pela família, e, portanto, exercia autoridade para definir a função feminina, que se restringia a obedecer a imposições bem como seguir os padrões de beleza da época.

Segundo Wiechmann (2012), o homem criou dois estereótipos opostos para representar a figura feminina na literatura: o anjo e o monstro. A versão angelical a idealiza, a purifica, associando-lhe à Virgem Maria. Essa visão mostra a mulher como responsável pelos cuidados com o lar e família. Já a versão relacionada ao monstro mostra uma mulher pecadora e podemos associar essa mulher a primeira mulher da humanidade que foi Eva, visto que ela comeu o fruto proibido e acabou cometendo um pecado.

No Brasil, Duarte (2003) relata que somente em 1827 foi criada uma legislação que autorizava a criação de instituições escolares para as mulheres. Anterior a esse período, o destino destas era o convento, enquanto as demais com melhores condições financeiras estudavam em escolas particulares ou em domicílio.

Ainda conforme Godois (2016), as mulheres eram difamadas quando aprendiam a ler e escrever, pois era até então um direito reservado aos homens assim como em outras funções, entre elas, a escolha de representantes políticos.

Já Bonnici (2007) assevera que o panorama literário produzido pelas mulheres iniciou-se no século XIX, no entanto, fortaleceu-se no decorrer do século posterior. Cabe destacar que a escrita era feita pela classe masculina, marcada pelo elitismo sociocultural, assim, as ideologias dominantes influenciadas por questões de gênero determinavam o cânone literário.

Diante da desvalorização do surgimento da literatura feminina, Bonnici (2007) destaca que em meados do século XX, foram necessárias ações com vistas à conscientização dos indivíduos para descontruir a opressão e a marginalização da mulher. Nesse sentido, essas medidas deram origem ao feminismo, conhecido por ser um movimento social, político e filosófico que objetiva a uniformidade social entre os sexos, a fim de erradicar pensamentos de controle sexista.

3.4 REPRESENTAÇÃO DO FEMININO

Falar em representação do feminino, nos leva a pensar em uma sociedade mais justa cujo os direitos são iguais independentemente do sexo, no entanto, desde muito tempo não é isso que acontece. Desde séculos anteriores as mulheres foram silenciadas e no âmbito literário não foi diferente, visto que suas produções não eram valorizadas, considerando o fato de que somente os homens eram considerados capazes intelectualmente para escrever obras literárias.

Segundo Schwantes (2006), o significado de representação no campo literário traz algumas questões a respeito do objeto que será retratado. Desse modo, a representação literária se refere ao agrupamento de regras, ou seja, a relação entre o que pode ser representado e o fazer literário em si.

A partir da perspectiva sobre os estudos de gênero, Schwantes (2006) aponta que esses serviram como suporte para estabelecer a leitura e condições de produção e circulação de obras escritas por mulheres. Observa-se também o apagamento da

produção literária feminina, que tem sido estudado por teóricos feministas franceses e anglo-americanas.

As duas linhas de pesquisa em relação ao silenciamento da escrita feminina apresentam apontamentos diferentes. Desse modo, cabe destacar que as teóricas francesas associam a homogeneidade da linguagem à omissão da linguagem feminina, portanto dificultando o compartilhamento de experiências. Em contrapartida, as teóricas anglo-americanas acreditam que, apesar da falta de visibilidade pela sociedade, a representação da experiência feminina ainda se manifestará.

Ao discutir sobre representatividade, Andrade (2020) salienta diferentes grupos, entre eles, indígenas, afro-brasileiros, têm em comum o fato de pertencerem às minorias sociais, não em relação à quantidade, mas em representação, ou seja, em espaços públicos, que os faça se sentir inclusos em sociedade.

De acordo com Chartier (2011, p. 20),

> Assim construído, o conceito de representação foi e é um precioso apoio para que se pudessem assinalar e articular, sem dúvida, melhor do que nos permitia a noção de mentalidade, as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social: em primeiro lugar, as operações de classificação e hierarquização que produzem as configurações múltiplas mediante as quais se percebe e representa a realidade; em seguida, as práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um status, uma categoria social, um poder; por último, as formas institucionalizadas pelas quais uns “representantes” (indivíduos singulares ou instâncias coletivas) encarnam de maneira visível, “presentificam” a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade ou a permanência de um poder. A noção de representação, assim, modificou profundamente a compreensão do mundo social.

A busca pela representatividade além de um direito, é também uma luta por reconhecimento bem como uma reparação histórica pelas discriminações sofridas. Portanto, assim como atesta Schwantes (2006), a literatura é um espaço para a representação feminina e também do feminino, inclusive, essa área é a carreira artística mais exercida pelas mulheres.

De acordo com Schwantes (2006), o público leitor feminino a partir da Idade Moderna exerceu forte pressão no que diz respeito a experiência feminina,

reivindicando representações mais verossimilhantes. Destarte, as convenções ditam as formas de retratação para com a sociedade, nesse caso, conforme ampliava o acesso da mulher aos espaços antes ocupados apenas por homens, as possibilidades de representação cresciam também.

Segundo Zinani (2013), o papel assumido pela mulher na sociedade, seja na vida real ou literária, era construída por concepções e princípios morais definidos por uma visão patriarcal. O resultado dessa ótica manifesta-se através da criação de mitos, que restringem a mulher a um papel secundário, à sombra da figura masculina.

Sob esse prisma, Zinani (2013) estabelece uma relação entre a construção do sujeito feminino e a ruptura com o modelo tradicional. Desse modo, a medida que a mulher emancipa-se das ideias propagadas pelo discurso patriarcal, ela integra aspectos afetivos, cognitivos e sociais. Através da desconstrução, a voz feminina começa a ser reconhecida, possibilitando que seja instrumento de projeção para que novas experiências e expressões sejam representadas.

4 FLORBELA ESPANCA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A LITERATURA FEMININA

Lajolo (1985), configura a literatura como uma porta que permite a entrada a um mundo autônomo e possibilita instigar e confrontar o leitor, trazendo questionamentos e inquietações, permitindo um enriquecimento intelectual de cada indivíduo. Além disso, Proença Filho (1985) acrescenta que uma obra literária pode descortinar uma identidade atemporal entre seres de diferentes sociedades e diferentes épocas. Samuel (1985), aponta que a literatura é um instrumento que carrega uma crítica a realidade e a sociedade de diferentes épocas.

A poetisa portuguesa Florbela Espanca trilhou o seu caminho pela literatura e pela escrita desde muito cedo, chocando de certa forma a sociedade, visto que, sua atitude frente ao meio literário era contrária às regras e paradigmas impostos a condição feminina de sua época e, segundo Villela (2019), sua escrita abriu caminho para que outras mulheres pudessem expressar, através das obras literárias, os seus desejos, anseios e vivências, angústias e sentimentos.

A autora Florbela Espanca escreveu suas obras no período em que as tendências modernistas estavam em voga e, desse modo, suas obras possuem, de certa forma, uma ruptura com padrões da época, configurando um estilo moderno em consonância com aquele período.

Gomes e Moisés (1994, p. 103) ressaltam que “o moderno é aquilo que é novo e que por isso mesmo se distingue de uma tradição esgotada, em geral, ao instaurar outra espécie de tradição”. E, nesse sentido, o modernismo foi um novo estilo artístico, literário e cultural que se iniciou no final do século XIX e início do século XX e foi o movimento de ruptura com o passado, com o tradicionalismo, de renovação dos meios e ruptura com a linguagem nacional. Em Portugal, surgiu após a Segunda Guerra Mundial, em um momento de crise que abalava o mundo, caracterizando-se com o surgimento de alguns movimentos de vanguarda que se firmaram no país português. O movimento teve início mais precisamente com a publicação da revista *Orpheu* em 1915.

Florbela da Alma Conceição Espanca começou a escrever a partir de 1903 e é considerada uma mulher à frente do seu tempo, pois enfrentou obstáculos e venceu barreiras para conquistar o seu espaço na sociedade de sua época. Foi casada três vezes e isso já mostra que Espanca não se prendia a padrões e regras que eram destinados às mulheres naquele período. Andrade (2020), acrescenta que no final do

século XVIII e início do século XIX a figura feminina não tinha liberdade para se manifestar de forma intelectual e discursiva e por esse motivo as mulheres lutaram por igualdade social em que direitos e deveres fossem tratados de forma igualitária independentemente do sexo.

Segundo Barros (2012), no final do século XIX e início do século XX, ser mulher como Florbela Espanca não era uma tarefa nada fácil, considerando o fato de que ela viveu em um período e contexto que os direitos das mulheres eram extremamente limitados, visto que a sociedade portuguesa reservava para as mulheres a função de dona de casa e mãe, determinando uma cultura patriarcal, bem como submetendo-as aos princípios machistas e religiosos, dificultando o seu acolhimento como intelectual, levando em consideração que as mulheres buscavam um reconhecimento como seres pensantes.

Ainda segundo Barros (2012, p. 12),

> A poetisa vivenciou períodos como a queda da Monarquia, os governos provisórios da República, bem como o golpe do Estado Novo; portanto foi considerada um anti-modelo de mulher para a sociedade lusitana.

Desse modo, Barros (2012) acrescenta que Espanca levou uma vida na contramão da cultura portuguesa, visto que, se distanciava dos padrões da época, transgredindo as regras estabelecidas sendo taxada como uma mulher ousada.

Segundo Godois (2016), Florbela Espanca foi conhecida através dos vários sonetos, porém ela produziu dois livros de contos, sendo um destinado ao irmão, denominado como “As máscaras do destino” (póstumo) e o outro chamado “Dominó preto” (póstumo). Além disso, ela escreveu um diário denominado como “Diário do último ano” e várias cartas para diversas pessoas. Em vida, ela teve apenas três obras que foram organizadas ou publicadas, sendo o “Livro de Mágoas” (1919) que, para ser publicado, ela recebeu um auxílio financeiro do pai. Teve o livro “Sóror Saudade” (1923) e “Charneca em Flor” (1931), publicado após a sua morte, porém organizado em vida desde 1927.

Silva (2015) acrescenta que Florbela Espanca foi uma mulher de certa forma sensível, cheia de anseios e incertezas e que viveu em uma sociedade masculina autoritária. Em 1899 e 1908 ela começou a frequentar a escola primária em Vila Viçosa, começando nesse mesmo período a assinar os seus textos. Os anos de 1903-

1904 marcam a sua trajetória poética visto que, nestes anos, ela escreveu o poema “A Vida e a Morte” como forma de homenagear o irmão Apeles, além disso, nesses mesmos anos escreveu também um poema em homenagem ao seu pai que estava aniversariando. Já em 1907, escreveu o primeiro conto denominado como “Mamã”. Ainda conforme Silva (2015), Florbela Espanca ingressou no Liceu Masculino André de Gouveia em Évora, permanecendo até 1912. Em 1916, ela agrupou uma seleção de seus poemas produzidos desde 1915, constituindo assim o projeto “Trocando Olhares”. Em 1919, publica-se a sua primeira obra intitulada como o “Livro de Mágoas” constituída de sonetos. Em 1923, ela constitui a segunda obra de sonetos denominado como “Livro Sóror de Saudade”. Em 1930, a poetisa passou a escrever o seu “Diário do Último Ano”.

Barros (2012) ressalta que Florbela Espanca casou-se três vezes, em um período que o divórcio não era algo praticado. O seu primeiro casamento ocorreu em 8 de dezembro de 1913, no dia do seu aniversário de 19 anos. Florbela casou-se com Alberto de Jesus Silva Moutinho, que foi seu colega de estudo desde o primário. Após o casamento, eles enfrentaram uma vida financeira difícil e, desse modo, Espanca passou a dar aulas e fazer traduções para sobreviverem. Em 1917, a poetisa resolve avançar os estudos e decide cursar Letras, porém, matricula-se no curso de Direito, estuda três anos e não conclui. Nesse período, o marido era totalmente contrário ao fato de que ela desse continuidade aos seus estudos e o relacionamento foi só desgastando. Além disso, seguidamente ela conhece Antonio Guimarães, alferes de artilharia e se apaixona perdidamente por ele. Nesse momento, mais precisamente em 30 de abril de 1921 ela pede o divórcio justificando para a família que o motivo para o término do relacionamento seria o desgaste na relação e descontentamento com o casamento. E, em 29 de junho do referido ano ela se casa com Antonio Guimarães. No entanto, Barros (2012) acrescenta que o segundo casamento se transforma em um fardo, visto que o atual marido era militar e, devido a sua postura rígida, a vida da poetisa foi transformada em um inferno.

Nesse momento ela adoece e conhece o médico, Dr. Mário Lage, este a acompanhou nesse período de fragilidade e, após recuperar sua saúde, em 1925 Espanca se divorcia mais uma vez, alegando maus tratos. No entanto, a relação com a sua família ficou comprometida, visto que tais fatores não agradou o seu pai e o seu irmão.

Já em 15 de outubro de 1925 ela se casa com o médico Mario Lage com quem viverá seus últimos anos de vida. Florbela Espanca não teve filhos nesses três relacionamentos, teve dois abortos e este foi um fato que contribuiu para o sofrimento da poetisa.

Diante do que foi supracitado, vale ressaltar que Espanca teve uma vida carregada de dor e sofrimento e em 1930, desiludida com a sua vida amorosa, sofrendo pela perda do irmão e já com a saúde debilitada, ela comente suicídio, tomando quantidades excessivas de medicamentos, colocando fim na sua vida no dia em que completaria 36 anos de idade.

De acordo com Gomes e Moisés (1994), as suas obras revelam o peso da condição feminina e um forte anseio de liberdade das regras e preconceitos sociais que caracterizavam um sinal de modernidade.

No entanto, no campo literário, Florbela Espanca, em sua época, teve dificuldades para ter reconhecimento de suas obras e, nesse sentido, conforme apontamentos de Edfeldt (2006) ao atestar que as autoras da década de 20, no século XX, foram as que mais sofreram com o silenciamento da historiografia literária portuguesa, porém Florbela Espanca era conhecida como uma ilha isolada.

Ainda segundo Edfeldt (2006), em Portugal, as correntes literárias do início do modernismo excluem a participação feminina e as vanguardas a usavam como um objeto para contestar os discursos conservadores ou patriarcais, visto o reforço de estigmas que associavam a mulher à tradição, natureza e corpo. Contudo, a literatura modernista assumiu a contramão e rompeu com a caracterização dos atributos femininos.

4.1 A ESCRITA FLORBELIANA E SUAS PRINCIPAIS TEMÁTICAS

Florbela Espanca utiliza a linguagem poética como uma ferramenta para representação do seu ser e das suas experiências, do seu talento, bem como dos seus sentimentos e angústias. Além disso, ela utiliza-se da escrita para escancarar seus desejos, suas vontades e seus instintos sensuais.

Vale ressaltar que Espanca teve um grande significado para a literatura portuguesa, considerando que ela rompeu barreiras, vivendo uma vida que não era condizente com o contexto histórico de sua época, muito menos com a postura que uma mulher deveria ter no final do século XIX e início do século XX.

Diversos autores afirmam que ela não era feminista, no entanto mesmo não defendendo a bandeira do feminismo, ainda que de uma forma indireta ela consegue dar uma grande contribuição para as lutas femininas, visto que, ela vivia em uma época e em uma sociedade conservadora e tradicionalista, mas esse perfil não a agradava considerando que ela não se prendeu aos tabus da época e viveu sua vida da maneira que ela queria e que considerava certa. Silva (2015), afirma que Espanca não apresenta a imagem de uma mulher feminista, mas sim feminina, que não se curva diante do mundo e nem diante da sociedade a sua volta, expondo livremente os seus desejos, bem como a sua forma de pensar, objetivando ser reconhecida e aceita socialmente do seu jeito.

Conforme Rossine (2016), no âmbito literário as experiências feminina sempre eram encaradas de um modo não valorativo e Campos e Franzó (2019), aponta que as produções literárias femininas apresentavam uma necessidade de alterar as condições que eram impostas as mulheres, visando a construção da identidade e a representação feminina e o fim da submissão. Para tanto, expressavam seus desejos, anseios, e sentimentos por meio da escrita.

Além disso, Silva (2015) salienta que as obras de Florbela Espanca contribuíram positivamente para a emancipação literária do ser feminino e que:

> A poetisa sentimentalista de voz marcada pelo erotismo, a sensualidade e a ânsia de liberdade de expressão, além de privilegiar a riqueza do léxico numa linguagem, explora os símbolos e a linguagem sugestiva. Sua poesia utiliza-se de jogo de palavras e metáforas, entre outras figuras de linguagem. Quanto à temática, de cunho intimista, questiona o existencialismo do ser, do eu-lírico (SILVA, p. 20).

Conforme Barros (2012), o amor e a dor são os principais temas encontrados nas obras de Florbela Espanca, e esses temas são dilemas que afetam todas as pessoas e são temas corriqueiros na literatura. Além disso, Pacheco (2012), salienta que nas obras de Florbela Espanca as diversas forma de amor, principalmente a sensual aparenta ser a força que move sua alma vibrante. E em seus poemas encontra-se uma diversidade de estados emocionais oriundos do amor.

Um dos temas presentes na escrita florbeliana é o amor e Pacheco (2016, p. 27) ressalta que “o amor é visto de uma forma arrebatadora e a busca pelo mesmo é desenfreada, tornando-se necessidade vital”. Godois (2016), enfatiza que em determinados momentos, esse sentimento era extremamente avassalador, enquanto que em outros notava-se uma certa dificuldade por parte dela para encontrá-lo, visto

que era algo bastante almejado. Ainda de acordo com Godois (2016 p. 28), nota-se no poema *“Amar”* que a poeta busca incansavelmente por esse amor, porém, percebe-se uma certa insegurança dela, considerando o fato de que mesmo encontrando-o, há a chance de não ser duradouro.

AMAR!

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui, além
Mais este e aquele, o outro e toda a gente
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida
É preciso cantá-la assim Florida
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada
Que me saiba perder, pra me encontrar
ESPANCA (2015)

Nota-se, neste poema, que Espanca deseja apenas amar e amar livremente, sem se apegar a ninguém, podendo amar várias pessoas ao mesmo tempo, sem regras, sem rótulos e sem cobranças. Além do mais, ela questiona em seu poema se recorda ou esquece, se prende ou desprende, se é mal ou bem e afirma que quem disser que se pode amar uma pessoa a vida inteira está mentindo.

Neste sentido, podemos relacionar este poema com a sua vida amorosa, visto que, ela teve três relacionamentos amorosos e em nenhum deles ela se sentiu realizada. Desse modo, percebe-se que ela teve três tentativas e em nenhuma delas o amor durou a vida inteira. De certa forma, pode-se dizer que foram amores passageiros e isso justifica a afirmação feita pelo eu-lírico relacionado ao amor para a vida inteira.

Podemos observar ainda neste poema, uma crítica a sociedade da época, visto que, de acordo com os valores passados pela igreja, o matrimônio é algo que deve ser levado com seriedade e que na relação amorosa é preciso amar na alegria

e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza e até que a morte os separe. Neste sentido, Espanca contradiz essa ideia quando ressalta em seu poema que que aquele que disser que pode amar alguém a vida inteira estará mentindo, reforçando uma ideia de que o amor não é para sempre.

Segundo Silva (2015, p. 20), em suas obras poéticas, “a poetisa não nos apresenta um estereótipo de uma mulher feminista, mas feminina, que não se intimida com o mundo, a sociedade, a sua volta ao expor seu sentir, seus desejos, seu pensar”. Silva (2015) acrescenta que, em seus poemas, ela descortina o mundo em sua volta, mostrando de uma forma simplificada e intensa a necessidade de ressurgir para a vida e o tempo, vivendo de uma forma liberta e não submissa.

Podemos salientar que o poema *“EU”,* de certa forma é uma autobiografia de Florbela Espanca, visto que, neste poema ela define quem é, possibilitando que o leitor tenha uma noção de quem é o eu-lírico e dos seus sentimentos e angústias, ou seja, permite que o leitor conheça o eu-lírico a partir da leitura do poema. Este poema faz de certa forma um retrato de quem era Espanca. E, segundo Pacheco (2012, p. 39), neste poema,

> O eu lírico apresenta-se como uma mulher desnorteada, sem rumo na vida. ‘crucificada’ e ‘dolorida’ são os adjetivos escolhidos para a caracterização psicológica. Talvez crucificada pela incompreensão dos três maridos e dolorida pela tristeza aparentemente inata que trazia dentro de si.

Ainda de acordo com Pacheco (2012), esse destino amargo, triste e forte relatado em seu poema irá levá-la à morte, observando dessa forma que há um destino predestinado e que a poeta tinha plena convicção de que suas atitudes e sentimentos não eram compreendidos e aceitos graças aos valores machistas da sociedade patriarcal da sua época.

EU

Eu sou a que no mundo anda perdida
Eu sou a que na vida não tem norte
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida

Sombra de névoa ténue e esvaecida
E que o destino amargo, triste e forte

Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!

Sou aquela que passa e ninguém vê
Sou a que chamam triste sem o ser
Sou a que chora sem saber porquê

Sou talvez a visão que Alguém sonhou
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!
ESPANCA (2015)

Conforme Pacheco (2012), Florbela Espanca ressalta no poema que ainda não a encontrou e por esse motivo não sabe defini-la, bem como, não sabe o motivo do seu choro.

Pacheco (2012) salienta que entre os temas existentes nas obras de Espanca, podemos citar a solidão, a morte como uma válvula de escape que permite uma fuga dos problemas, um meio de aliviar as dores, a incompreensão e a melancolia emanada dos amores não realizados. O fato dela ter tido três matrimônios foi algo mal visto pela sociedade e pela sua família. No entanto, o fracasso desses relacionamentos se dá devido ao fato de que ela não se sentiu realizada em nenhum deles. Neste sentido, Pacheco (2012, p. 49) “ressalta que os padrões morais da época, extremamente patriarcais e machistas lhe cobravam atitudes submissas e reservadas que iam de encontro ao seu universo apaixonado, sensual, ardente e sonhador”.

Andrade (2020), ressalta que por muito tempo a figura masculina ocupou o lugar de líder na instituição familiar. Este era considerado um ser superior e tinha total privilégio em relação as mulheres, assumindo também o papel de dominador, visto que as mulheres eram dominadas pelo ser masculino.

Conforme Silva (2015), o final do século XIX e o início do século XX existiram grandes transformações sociais e econômicas, estabelecendo dessa forma uma nova configuração do papel feminino. Nesse período, iniciaram as reivindicações, bem como as lutas que almejavam mais espaço e direitos iguais para as mulheres, nascendo assim o movimento feminista. Neste contexto, Portugal também sofreu essas mudanças, ocorrendo dessa forma uma intensa participação da mulher no âmbito econômico e principalmente no que se refere ao campo literário. Entretanto, segundo Silva (2015), o movimento vai ganhando força e forma e, no âmbito literário,

isso se dá de uma forma mais contida, iniciando-se nos salões de chá, em revistas e, somente após um tempo, é que se manifestou nas publicações literárias.

Silva (2015) enfatiza que em seu percurso literário, a poetisa Espanca não abordou claramente o tema feminismo em suas obras, mas acabou abrindo passagem para diversas autoras e, mesmo sendo conservadora, “defendia o surgimento de uma nova mulher que deveria expandir seus horizontes sem deixar-se ser dominada” (SILVA, 2015, p. 1).

De acordo com Pacheco (2012), o amor é uma característica forte em suas obras poéticas, no entanto, observa-se um certo desencanto com tal sentimento, considerando o fato de que na sua vida existiram vários amores, porém nenhum foi eterno, nenhum durou para sempre. Vale ressaltar, conforme Pacheco (2012), que são diversas as opiniões no que se refere ao objeto da poesia florbeliana, no entanto, muitos críticos literários acreditam que o seu fazer poético está ligado com as suas experiências existenciais, e isso é perceptível em suas obras, visto que quando fazemos a leitura de seus poemas, percebe-se que ela coloca no papel a sua essência, o que viveu, o que desejava e assim por diante. Além disso, Pacheco (2012) afirma que Espanca se caracterizava como uma pessoa que tinha sede do infinito e carregava uma angústia constante. Desse modo, a escrita para ela era um meio que tinha para expor suas angústias no papel, como também uma maneira de ouvir si mesma.

Barros (2012) salienta que o amor tem como expectativa amenizar a dor, porém, o que está visível é que essa dor vem em dose dupla para Florbela Espanca, considerando o fato de que ela não se realizou amorosamente. Os amores que deveriam trazer a felicidade, trouxeram apenas sofrimento, a dor, abandono e a infelicidade. Barros (2012, p. 32), ainda acrescenta que “o desencontro é uma característica das paixões amorosas e é este caminho que Espanca percorre”. E isso está visível no poema “O meu Impossível”.

O Meu Impossível

Minh’alma ardente é uma fogueira acesa,
É um brasido enorme a crepitar!
Ânsia de procurar sem encontrar
A chama onde queimar uma incerteza!

É nada ser perfeito! É deslumbrar

A noite tormentosa até cegar
E tudo ser em vão! Deus, que tristeza!...

E não me compreenderam!... Vão e mudo
Foi tudo o que entendi e o que pressinto...

Contar, não a chorava como agora,
Irmãos, não a sentia como a sinto!...
ESPANCA (2015)

Neste poema, percebemos desde o título que o amor para ela é algo impossível de ser realizado, o eu-lírico ressalta que a sua alma é uma fogueira acessa, é uma porção de brasas estralando, preste a incendiar e que procura por esse grande amor, porém não logra êxito nessa procura. O eu-lírico acrescenta que tudo está vago e incompleto, passando a ideia de que sem esse amor tudo fica vazio, há um buraco que não é preenchido e por isso nada é perfeito.

Segundo Campos e Franzó (2019), a poesia florbeliana é carregada dos seus sentimentos, sendo difícil não relacionar sua escrita com a sua vida que não se adequava com os padrões da época. Além disso, é notável nos poemas de Espanca a relação feminina com o contexto social e neste sentido, é possível dizer conforme Campos e Franzó (2019), que, mesmo Florbela vivendo em sua sociedade considerada tradicional e repressora, por ser do sexo feminino e exalar intensidade, seus sentimentos não eram limitados.

Isso fica evidente no poema “Volúpia”, visto que, ela coloca os seus desejos mais íntimos nos versos dessa obra, trazendo o erotismo como tema principal.

Volúpia

No divino impudor da mocidade,
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,
Num frêmito vibrante de ansiedade,
Dou-te o meu corpo prometido à morte!

A nuvem que arrastou o vento norte...
– Meu corpo! Trago nele um vinho forte:
Meus beijos de volúpia e de maldade!

São os dedos do sol quando te abraço,
Cravados no teu peito como lanças!

Vão-te envolvendo em círculos dantescos
Felinamente, em voluptuosas danças...

ESPANCA (2015)

Neste poema, observa-se o tema erotismo fortemente enraizado e, de acordo com Pacheco (2012), os versos apresentam as emoções mais íntimas da figura feminina, desse modo,

> O eu lírico oferece seu corpo em um frenesi de sentidos: impressões visuais, gustativas e táteis sobressaem e o corpo transforma-se em vinho, sombra e nuvem. A explosão do desejo é capaz de mudar o destino e de prolongar o tempo, retardando o instante final (neste êxtase pagão que vence a sorte). Beijos de volúpia e de maldade, gestos felinos e as unhas cravadas no peito do amante sugerem certa perversidade dado o caráter de transgressão (PACHECO, p. 28).

Neste sentido, vale ressaltar que neste poema fica evidente o quanto a poetisa estava a frente do seu tempo, visto que ela retrata sentimentos como a paixão e o desejo e que era algo impróprio, imoral e inadequado para a sociedade da época, não sendo digno de leitura.

O Que tu és

És Aquela que tudo te entristece
Irrita e amargura, tudo humilha;
Aquela a quem a Mágoa chamou filha;
A que aos homens e a Deus nada merece.

A que nem sabe a estrada que ora trilha,
Que nem um lindo amor de maravilha
Sequer deslumbra, e ilumina e aquece!

A rastejar no chão como as mendigas,
Todo feito de lágrimas amargas!

És ano que não teve Primavera...
Ah! Não seres como as outras raparigas
Ó Princesa Encantada da Quimera!...
ESPANCA (2015)

Podemos observar no poema “Que tu És” do livro Sóror Saudade o descontentamento do eu-lírico com a sua vida. Mais uma vez nota-se o tema amor presente nessa obra poética. Neste sentido, na segunda estrofe percebe-se que o eu-lírico está perdido, não sabe qual caminho seguir e ele ressalta novamente a

dificuldade de possuir um lindo amor, revelando que não possui nenhum amor que possa aquecê-lo e iluminá-lo.

Silva (2015), acrescenta que o poema apresenta uma mulher que não se encaixa no padrão social estabelecido em sua época, vivendo dessa forma uma vida amarga e de insatisfação.

Isso fica notável quando o eu lírico se apresenta como alguém que tudo entristece, irrita, amargura e humilha. Percebe-se desse modo, que é uma pessoa que vive magoada e insatisfeita com a vida que leva.

Silva (2015), ressalta que o erotismo compõe uma característica importantíssima na produção literária florbeliana. Em seu poema intitulado como “Horas rubras”, percebe-se, de acordo com Silva (2015), que o desejo da alma em se libertar é destinado para o corpo através do desejo carnal.

Horas Rubras

Horas profundas, lentas e caladas
Feitas de beijos rubros e ardentes,
De noites de volúpia, noites quentes
Onde há risos de virgens desmaiadas...

Tombam astros em fogo, astros dementes,
E do luar os beijos languescentes
São pedaços de prata p’las estradas...

Os meus braços são leves como afagos,
Vestiu-os o luar de sedas puras...

E sou, talvez, na noite voluptuosa,
Ó meu Poeta, o beijo que procuras!
ESPANCA (2015)

Conforme Godois (2016), o erotismo está presente nas obras florbelianas, desse modo, para aquele período, uma mulher escrever sobre o erótico era algo considerado transgressor e, por esse motivo, Espanca era mal vista perante a sociedade e além disso, a sociedade a criticou visando manchar a sua reputação.

Godois (2016) enfatiza que a temática erótica está mais escancarada no último livro intitulado como Charneca em flor, para tanto ele sinaliza a intensidade desse tema no poema “Passeio no campo”.

Passeio Ao Campo

Meu Amor! Meu Amante! Meu Amigo!
Colhe a hora que passa, hora divina,
Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!
Sinto-me alegre e forte! Sou menina!

Pele doirada de alabastro antigo...
Frágeis mãos de madona florentina...
– Vamos correr e rir por entre o trigo! –

Papoilas rubras nos trigais maduros...
Água azulada a cintilar nas fontes...

Dos caminhos selvagens e escuros,
Num astro só as nossas duas sombras!...
ESPANCA (2015)

Godois (2016), observa neste poema uma mulher sensual e que almeja viver momentos com o seu amante e que no verso “Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!” o eu lírico refere-se ao momento íntimo dos amantes, bem como também revela os desejos de uma mulher erótica que deseja o amado.

Partindo dessa premissa, Godois (2016) afirma que tais atitudes não eram dignas de uma mulher do início do século XX.

A Mulher I

Um ente de paixão e sacrifício,
De sofrimentos cheio, eis a mulher!
Esmaga o coração dentro do peito,
E nem te doas coração, sequer!

Na luta; sê em Vênus sempre Marte;
Sempre o mundo é vil e infame e os homens
Se te sentem gemer hão de pisar-te!

Essa brancura ideal de puro arminho
Eles deixam pra sempre maculada;
E gritam então os vis: “Olhem, vejam
É aquela a infame!” e apedrejam
A probrezita, a triste, a desgraçada!
ESPANCA (2015)

A Mulher II

Ó mulher! Como és fraca e como és forte!
Como sabes ser doce e desgraçada!
Como sabes fingir quando em teu peito
A tua alma se estorce amargurada!

Adorada que amaram doidamente!
Quantas e quantas almas endoidecem
Enquanto a boca ri alegremente!

Sem nunca o confessarem a ninguém
Doces almas de dor e sofrimento!

Dum rei; amor de sonho e de saudade,
Que se esvai e que foge num lamento!
ESPANCA (2015)

Silva (2015) afirma que na obra intitulada como “Trocando olhares”, a poeta apresenta a mulher em dois poemas denominados como “Mulher I” e “Mulher II”.

No poema Mulher I, podemos relatar que o eu-lírico descreve a mulher como um ente de paixão e sacrifício e de sofrimentos, já no segundo poema denominado como Mulher II ela descreve a mulher como fraca e ao mesmo tempo forte, como doce e ao mesmo tempo desgraçada e como sabe fingir em teu peito como a alma está amargurada, ou seja, aí está visível como a mulher é forte, que mesmo estando amargurada, mas consegue fingir como se tudo estivesse bem.

Silva (2015, p. 16) ressalta que em ambos os poemas, “nota-se a representação de uma imagem feminina na descrição de seus sentimentos, do seu legado enquanto ser, mas em evidência a condição da mulher dividida entre os anseios mais profundos”. Ainda conforme Silva (2015), nos poemas mencionados a mulher é apresentada em diversas faces, visto que é comparada como doce e amarga, como fraca e forte, retratando dessa forma a figura feminina e não apenas o ser mulher.

Portanto, podemos destacar que a mulher foi considerada ao longo do tempo o sexo frágil, no entanto, vale ressaltar que ela foi forte o suficiente para lutar pelos seus direitos e conquistar seu espaço como sujeito participativo em todos os sentidos na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, podemos ressaltar que desde os tempos mais remotos, mulheres e homens vivem papéis distintos em todos os âmbitos sociais. À mulher era concedido apenas o papel de esposa, de dona de casa, enquanto os homens gozavam de plenos poderes e direitos. Todavia, com as transformações políticas, sociais e culturais ocorridas nas sociedades, as mulheres vêm conquistando mais espaço e usufruindo de alguns direitos que antes não lhes era concedidos. Pode-se dizer que elas cruzaram fronteiras, quebraram paradigmas e ocuparam uma nova posição na sociedade.

E na literatura não foi diferente, a mulher nos séculos antecedentes não podiam ler e/ou escrever, porque era algo considerado majoritariamente masculino. Como é perceptível na escrita de Florbela Espanca, em que enfrentou muitos entraves para conseguir adentrar no meio literário. A autora teve de quebrar muitos paradigmas para usufruir de seus direitos e ser reconhecida pela sua escrita. Neste sentido, vale ressaltar que a coragem de Florbela Espanca contribui positivamente para a construção da identidade feminina no meio literário, bem como também para a representação da mulher como escritora, visto que, essa produção literária de autoria feminina acaba por desconstruir a ideologia patriarcal que a inferiorizava e silenciava sua voz. Além disso, Espanca abriu passagem para que outras mulheres pudessem expressar seus sentimentos, anseios, angústias e inquietações por meio das obras literárias.

Vale salientar que a luta da mulher no campo da literatura perpassa pela conquista de um direito básico: o direito à leitura e escrita. As mulheres que conseguiam se inserir nesse campo e conquistavam esse direito, chamavam para si a necessidade de luta para que outras mulheres viessem a usufruir desse direito que era exclusivamente do sexo masculino.

Nesse ínterim, é importante ressaltar que a mulher sempre viveu à sombra de uma figura masculina, ora pai, ora irmão, ora (quando casada), o esposo. Desse modo, as mulheres sempre foram privadas de gozarem dos mesmos direitos dos homens, não estudavam, trabalhavam e a participação feminina na esfera política era algo nulo.

Partindo desse pressuposto, percebe-se que a escrita de Florbela Espanca é primordial para a representatividade feminina na sociedade, no que tange ao campo

literário, visto que a sociedade daquela época era extremamente machista e ideológica, e a mulher que tentasse de alguma forma mudar o pensamento ou conquistar os direitos que até então eram determinados ao sexo masculino, não era vista com bons olhos perante a sociedade.

Portanto, percebe-se que a escritora, através de suas obras abriu um espaço para as mulheres no mundo literário contrariando os padrões estabelecidos e as normas de uma sociedade em que a função feminina tinha sido estabelecida a partir da cultura e costumes, que era cuidar da casa, do marido e dos filhos. Assim, devemos enfatizar o quão genial tem sido sua passagem como escritora, pois quebrou as regras da sociedade de sua época e conseguiu se inserir em um universo feito de homens e para homens.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Thais Hayana dos Santos. **O lugar de fala da mulher na literatura:** a democratização do discurso feminino. São Cristovão/Se: Anais Educon, v. 14, n. 5, p. 1-16, 2020.

BARROS, Eliana Luiza dos Santos. **Florbela Espanca:** laços de amor e dor. 2012. Trabalho de Conclusão de Mestrado (Graduação em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista:** conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro, 2006.

CARVALHO, André, MARTINS, Kao. **Feminismo.** 3. ed. Belo Horizonte: Lê, 1998

CHARTIER, Roger. **Defesa e ilustração da noção de representação.** Dourados: Fronteiras, 2011.

DAL CORNO, Gisele Olívia Mantovani; BAPTISTA, Michele Marques. **Relações entre identidade, linguagem e cultura:** o léxico da culinária em a casa das setes mulheres. São Paulo: Linhas d'agua, 2014, v.27, n.2, p.67-81.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil.** Revista de Estudos Avançados, São Paulo, v.49, p. 81-90, 2003.

EDFELDT, Chatarina. **Uma história na História: Representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XX.** 1.ed. Montijo, 2006.

ESPANCA, Florbela. **Diário do último ano.** Porto Alegre: Pradense, 2009.

ESPANCA, Florbela. **Antologia poética de Florbela Espanca.** 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2015.

FRANZÓ, Josiane Aparecida; DE GEORGE, C. S.; MIKUSKA, E. P.. **As influências sociais e históricas na poesia de Florbela Espanca, Afonsina Storni e Francisca Júlia.** 2015. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) – Faculdades Santa Amélia.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4a.. ed. São Paulo: Atlas, 2002. v. 1.

GODOIS, Thamara da Silva. **Florbela Espanca: inspiração feminista na poesia reinterpretada pela fotografia.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal de Santa Maria.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 103-133. JUNQUEIRA, Renata Soares. "Introdução". In: ESPANCA, Florbela. **Florbela – Antologia Poética**. São Paulo: Martim Claret, 2015, p. 7-12.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura.** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa.** 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa em perspectiva.** São Paulo: Atlas, 1994.

NEVES, José Luís. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisa em administração. FEA-USP. São Paulo, v.1, nº 3, 2 sem, 1996.

NUNES, Nélia. **Florbela Espanca: a mulher, a poesia, a feminista.** 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu> Acesso em: 19 set. 2019.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa**: tipos, técnicas e características. Travessias (UNIOESTE. Online), 2009. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:JcRyqCjbi_EJ:https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3122/2459/11555+&cd=12&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br Acesso em: 21 jun. 2022.

PACHECO, Gilmar Rodrigues. **Florbela Espanca e Alfonsina Storni**: Duas mulheres à frente de seu tempo. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura: através de textos comentados.** São Paulo: Ática, 1985.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009

SCHWANTES, Cíntia. **Dilemas da Representação feminina.** Revista do NIESC. 2006.

SAMUEL, Rogel. **Literatura básica e exercício de português para o ensino do segundo grau.** v. I. Petrópolis: Vozes, 1985.

SARAIVA, António José, LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa.** 17. ed. Portugal: Porto Editora,1996.

SOUZA, Ana Santana. **História e literatura:** notas para um diálogo. Rio Grande do Norte. Revista de Humanidades. 2010.

SILVA, Elen Karla Souza da. **A Representação feminina na obra poética de Florbela Espanca.** 2015.

TEDESCHI, **Os desafios da escrita feminina na história das mulheres.** Dourados: Raído, 2016, v.10, n.21.

TELLES, Norma A. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: Mary Del Priori e Carla Bassanezi. (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** 9ªed.São Paulo: Unep/Contexto, 2008, v. p. 401-442.

VILLELA, Eduardo. **A representatividade feminina na literatura.** 2019. Disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br.> Acesso em: 19 set. 2019.

VILELA, Lorraine. **Florbela Espanca.** Disponível em: <https://www.brasilescola.uol.com.br> Acesso em: 19 set. 2019.

WIECHMANN, Natalia Helena. **A questão da autoria feminina na poesia de Emily Dickinson.** Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2012.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero:**a construção da identidade feminina, 2. Ed. Caixias do Sul, RS: Educs, 2013.